

NARRATIVAS CAIPIRAS E A REINVENÇÃO DO QUOTIDIANO NA PAULISTÂNIA¹

Daniel Batista Lima Borges*

RESUMO: A partir do relato de pesquisa realizada no bairro Boa Vista, em Caçapava (SP), pretendeu-se analisar atuações de contadores de histórias nos bairros rurais da região denominada por Antonio Candido, em *Os parceiros do Rio Bonito*, de *Paulistânia caipira*. Considerando-se que os modos tradicionais de narrar tais como Candido descreveu não existem mais na região pesquisada, e que a narração acontece em outras configurações sociais, decidimos analisar entrevistas em áudio de modo a descrever essas novas práticas narrativas. Deste modo, buscou-se discutir de que forma as narrativas orais contadas no cotidiano podem ser consideradas como práticas de ressignificação da realidade e de criação, mesmo após mudanças socioeconômicas agressivas, que produzem narradores não legítimos e sociedades comunidades fragmentadas, colocando em questão a possibilidade de existência de narração em meios em via de urbanização.

Palavras-chave: Caipira. Oralidade. Narração. Literatura e sociedade.

RESUMÉ: En partant du rapport d'une recherche réalisée dans trois *bairros* au village de Caçapava (SP), notre objectif a été d'analyser les rôles de narrateurs de récits oraux dans cette région qu'Antonio Candido, dans son livre *Os parceiros do Rio Bonito*, appelle *Paulistânia caipira*. En considérant que les manières traditionnelles de raconter telles que Candido les a décrites n'existent plus dans la partie de cette région étudiée par notre recherche et que la narration se donne dans d'autres configurations sociales, nous avons décidé d'analyser des interviews audio de façon à décrire ces pratiques narratives. À partir de ces descriptions, nous avons posé la question de savoir comment des récits oraux racontés au quotidien peuvent être considérés comme des pratiques de re-signification de la réalité et de la pratique créatrice, même après des changements socio-économiques agressifs, qui produisent des narrateurs non légitimes et des communautés fragmentées, en mettant ainsi en question la possibilité d'existence de narration dans des milieux en voie d'urbanisation.

Mots clés: Caipira. Oralité. Narration. Littérature e société.

Introdução

Este artigo propõe-se a desenvolver uma reflexão sobre o estatuto conferido a narrativas orais em contextos urbanos e rurais após a situação de industrialização e êxodo na qual

¹ Meus agradecimentos a todos os narradores que participaram desta pesquisa e aos professores Rachel Duarte Abdala, Luzimar Goulart Gouvêa e Suzi Frankl Sperber pelo encorajamento e pela atenciosa orientação. Agradeço também à FAPESP, que subvencionou o trabalho.

* Doutorando pela Universidade Paris Nanterre (França), e bolsista de doutorado pleno da CAPES. E-mail: borgesdaniel26@gmail.com.

comunidades de bairros² relativamente isolados sofrem a dispersão de seus indivíduos. Para tanto, partimos de uma problemática concreta que consiste em se questionar sobre como pensar o conceito de narrador³. Esta questão aplica-se à situação particular de três bairros na cidade de Caçapava-SP, onde, após um grande êxodo que teve início na década de 1960, não é mais possível conceber comunidades narrativas tendo o isolamento comunitário e tradicionalista como critério. Isso significa, na teoria literária, não só considerar a situação de permanência do narrador na modernidade, mas também precisar até que ponto a prática da narração oral é flexível em relação às mudanças de ordem socioeconômica.

A base para as discussões aqui apresentadas é o resultado de entrevistas com os habitantes de três bairros : *Boa-Vista* e *Guadalupe*, na zona rural ; e um bairro periférico, o *Jardim São José*, que fazem parte da cidade de Caçapava-SP, na região do Vale do Paraíba, no Brasil. As entrevistas foram realizadas entre março de 2012 e setembro de 2013, e resultaram em 50 horas gravações de áudio e vídeo, dos quais cerca de 40 horas foram arquivadas⁴. Além disso, eu me envolvi na prática de pesquisa participante (MEIHY, 1996) junto às pessoas entrevistadas, participando atividades cotidianas que, após terem sido transcritas em diários de campo, ajudaram-me a compreender aspectos do modo de vida das famílias com as quais trabalhei.

1 O caipira descrito por Antonio Candido

O Vale do Paraíba faz parte da região histórica identificada por Antonio Candido no livro *Os Parceiros do Rio Bonito* (2010, p. 20) como estando integrado à *Paulistânia caipira*. Segundo

² O termo é aqui utilizado em seu sentido atribuído pelos estudos sobre o universo rural brasileiro : « [...] unidade composta de grupos rurais vizinhos, estrutura fundamental de sociabilidade caipira, consistindo do grupamento de famílias mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivialidade, por práticas de ajuda mútua, e por atividades ludico-religiosas.» (CANDIDO, 2010, p. 44)

³ Walter Benjamin, no ensaio *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov* (1994, p. 197), define a palavra “narrativa” em um campo de significação histórico-sociológico e a coloca na corrente da tradição oral e define o narrador como um sujeito que retira da própria experiência o que conta, como uma matéria-prima que é trabalhada de forma a ser transformada num produto sólido, útil e único.

⁴ Uma primeira pesquisa foi feita no bairro da Boa Vista no ano de 2010, em função de uma pesquisa de conclusão de curso em Letras na UNITAU, sob a direção da Profa Dra Rachel Abdala (BORGES, 2010). Esta primeira pesquisa deu origem a uma dissertação de mestrado na UNICAMP, sob a direção da Profa Dra Suzi Frankl Sperber (BORGES, 2014), da qual este artigo se apresenta como resultado.

certos autores, esta denominação faz referência à região correspondente à Capitania do Sul, durante o período da colonização do Brasil⁵, e cobria geograficamente partes dos Estados de Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Paraná e a integralidade do Estado de São Paulo. O modo de vida caipira seria o resultado da organização, nesta região, de pequenas comunidades de subsistência relativamente autônomas, em condições nômades de mobilidade e permanência, associadas ao longo processo de delimitação de fronteiras de implantação de cidades nesta região durante o período colonial (CORDOVA; VIDAL, 2016).

Em seu livro, o crítico literário ocupa-se das consequências, para os camponeses, das transformações sociais causadas pela urbanização da Paulistânia caipira, durante todo o século XX, o caipira daria a medida das transformações nessa região, e o estudo da mudança de suas expectativas culturais ofereceria dados para compreensão da assimilação do modo de vida caipira pela sociedade moderna.

As comunidades de traços caipiras são descritas por Candido como sendo majoritariamente orais em relação à suas práticas de narração e à difusão de seus códigos comunitários. Além disso, já que um dos traços fortes da cultura do caipira era a precariedade, advinda da pobreza de meios materiais, a vida simbólica do caipira seria igualmente precária. Baseando-se em exemplos de entrevistas feitas com *parceiros*, Candido dá a entender que esta precariedade determinava também os temas narrativos, como histórias sobre animais, o que, segundo o autor, seriam uma sublimação da falta de carne em sua alimentação.

Em função desta determinação funcionalista, na qual Jackson (2009) encontra ecos Malinovski, a entrada do caipira no ritmo de vida capitalista o forçaria a abandonar a narração oral. O caipira assimilaria outras formas simbólicas não menos precárias, como os objetos de consumo para as massas, e o novo objeto de desejo substituiria sua obsessão pela carne. Consequentemente, ele teria sua cultura destruída.

Nessa ótica, um dos prognósticos mais importantes de *Os parceiros do Rio Bonito* (CANDIDO, 2010, p. 82-83) dá conta do fato de que a cultura caipira é totalmente refratária ao

⁵ O Brasil colonial corresponde à história do Brasil que compreende o período que vai de 1500, ano da chegada dos portugueses no país, até 1815, quando o Brasil constitui, com Portugal, o Reino Unido de Portugal, do Brasil e de Algarves. (BORSOI, 2000, p. 3).

progresso e não resistiria a transformações socioeconômicas. É preciso salientar que, durante a escritura do livro (1956), estas transformações já estavam acontecendo, e as políticas públicas não ofereciam alternativas salubres nem aos camponeses que partiam para viver na cidade, àqueles que ficavam no campo. Estes, tinham cada vez mais sua mão de obra explorada e suas terras roubadas por grandes fazendeiros. Para resolver essa situação, seria necessário o estabelecimento de uma imensa reforma agrária, luta que marcou a geração de Candido, e que deu o caráter político tão circunstancial à obra de Candido.

2 Os bairros estudados em Caçapava

Após algumas visitas aos bairros escolhidos para minha pesquisa, constatei que, nesta região, não era mais possível encontrar os modos de vida tais quais Candido havia descrito no interior de São Paulo⁶. Não havia mais nem relações de ajuda mútua para o trabalho (*mutirão*⁷), nem festas de bairro, como antes da industrialização da cidade. Em consequência, nas comunidades, os narradores não concentravam mais em uma única pessoa os papéis de médico, profeta, professor, juiz e contador de histórias (SEVCENKO, 1988, p. 125). Nos bairros estudados, a cultura caipira como descrita em *Os parceiros* acabou da forma prevista: o progresso industrializante dissolveu os bairros e acabou com a maioria das práticas comunitárias (LESSA, 2001).

Em um primeiro momento, essa situação desencorajou-me muito em relação à pesquisa. Visando contradizer o prognóstico trágico de Candido, eu havia nutrido a expectativa de encontrar, na zona rural do município, culturas mais ou menos isoladas e engajadas em práticas tradicionais, particularmente aquelas relativas à narração oral. As poucas famílias que encontrei nos bairros rurais estavam mais ou menos integradas, ainda que de maneira periférica, a modos de vida e expectativas de consumo capitalistas.

⁶ O autor realiza sua pesquisa no município de Bofete – SP, Oeste do Estado de São Paulo.

⁷ Nome dado no Brasil a mobilizações coletivas objetivando um trabalho, fundado sobre a ajuda mútua e gratuita. É uma expressão empregada originariamente para os trabalhos no campo ou na construção civil de casas populares. Neste tipo de trabalho todos recebem ajudas e ajudam também, em um sistema de revezamento sem hierarquia (OJEDA, 2010, p. 32).

Entretanto, continuei as visitas e as gravações e, pouco a pouco, junto a uma família do bairro Boa Vista, começaram a aparecer narrações orais de *causos*,⁸ *de lembranças de experiências fantásticas, de lendas, fábulas e outras formas de narração*. Diante da dificuldade de estabelecer prioridades, meu ponto de partida foi minha primeira entrevista com André Emboava que, juntamente com dona Maria das Dores, sua esposa, indicou-me outros narradores, que viviam já na cidade, ou em outros bairros rurais: a dupla sertaneja Moreira e Moisés, ambos narradores também, e Darcy Breves. Moreira indicou Carajá, João do mercado, Mestre Tião e também Darcy Breves. Carajá indicou Ana Sales e João Sales; João Mineiro, a dupla sertaneja Pedrinho e João Batista, e Cleber da prefeitura. João do Mercado indicou dona Elvira do Mercado, Santino, Ana Sales e Darcy Breves. Darcy Breves indicou André Emboava, Neusa Figureira, Mestre Tião, Pedrinho e João Batista, Professor Damas, João Mineiro, Moreira e Moisés e Carajá. Todos foram entrevistados.

Um parâmetro de indicação mútua entre os narradores, fundado sobre o reconhecimento recíproco da autoridade narrativa, ajudou-me a reconhecer o segmento específico de um grupo. A esse segmento, denominei *rede* (MEIHY, 1996, p. 16). Desse modo, pude constituir uma rede de contatos que se formava graças a práticas de narração oral e que ultrapassava o limite dos bairros. A rede era constituída de uma grande diversidade de meios sociais, de profissões e de modos de vida, e oferecia muitos graus de contato entre os meios urbano e rural.

Era uma evidência de que, apesar da dissolução dos bairros caipiras no Vale do Paraíba, havia narradores mantendo práticas de narração. Considerando as entrevistas feitas com esses narradores, minha principal inquietação passou a ser saber de que modo e com que intuito aquelas famílias precisavam contar histórias, se não era em função da socialização fechada do bairro, ou a simbolização de necessidades básicas materiais, como considerava Candido (2010).

3 A narração da experiência e a autoridade narrativa

A partir dos estudos de Sperber (2009), passei a considerar a hipótese de que os sujeitos entrevistados por mim não limitavam sua expressão simbólica à materialidade dos meios de

⁸ O *causo* é uma forma narrativa oral brasileira que é estruturada a partir do ponto de vista do homem do campo que, no momento de narrar a experiência à comunidade, transforma o evento em uma coisa imanente, concreta e memorável. O *causo* se caracteriza também pela ênfase no fantástico e na imaginação (SPERBER, 2009, p. 461).

produção em relação aos quais estão ligados. A autora explica que, articulando o simbólico, e ressignificando a experiência, a efabulação liga o homem a possibilidades infinitas de criação e de ressignificação da realidade.

Procurei teorias que refletissem o papel da narração da experiência nas sociedades contemporâneas. Um começo foi tentar compreender a tese da derrocada da cultura caipira, de Candido, *mutatis mutandis*, como um desdobramento do diagnóstico do “empobrecimento da experiência” de Walter Benjamin⁹ (1994), e retomada por Giorgio Agamben (2005). No ensaio *Infância e História: Destruição da experiência e origem da história*, Agamben afirma que não é necessária uma catástrofe para a destruição da experiência, mas que a existência cotidiana em uma grande cidade é suficiente para esse fim.

O redirecionamento, feito por Agamben, da catástrofe imediata da guerra, colocada por Benjamin como motivo da destruição da experiência, para as relações da cidade, permite que se possa considerar também o indivíduo, em sua multiplicidade existencial, inserido ativamente nos processos sociais. Assim, apesar da agressividade do crescimento das cidades, nem todos os que incorporam o cotidiano cidadão abandonam a narração da experiência.

A partir daí o que faz com que a narração continue sendo perpetrada mesmo diante das mudanças mais agressivas é o que Sperber (2009) denomina pulsão de ficção, responsável pela ressignificação da experiência. Esta pulsão é formada, ao mesmo tempo, pelo imaginário, pela simbolização e pela efabulação, e cria constructos que podem ser narrativos ou não e “que formulam hipóteses acerca de acontecimentos que tocam fundo numa existência” (SPERBER, 2009, p. 87) Esse conceito coloca a narração no caminho da busca existencial que vai além de condicionamentos sociais. Um de seus pressupostos é que a liberdade manifesta-se como criação humana em situações de restrição de possibilidades de ação.

No contexto de minha pesquisa, fazia-se necessário explicar o porquê da quantidade e da diversidade de narradores com os quais pude me encontrar, apesar da total desestruturação de modos de vida em comunidades tradicionais. Apostei na hipótese de que a relação entre narração e continuidade da experiência não é condicionada *a priori* por sistemas sociais determinados.

⁹ Walter Benjamin, no ensaio “O narrador” (1994) declara a narração como extinta pelos mesmos motivos com os quais Antonio Candido decreta a morte da cultura caipira: a modernidade. Entretanto, em Benjamin, a narração não é vista de maneira funcionalista, mas carrega a sabedoria em si.

Segundo *Agamben*, a experiência tem o seu necessário correlato não no conhecimento, mas na autoridade, ou seja, na palavra e no conto [...] (AGAMBEN, 2005, p. 23). É no pressuposto de autoridade que consiste a aptidão dos narradores a serem ouvidos e que se qualifica a narração da experiência.

A partir dessas considerações, trabalhei com a hipótese segundo a qual o narrador, respondendo a uma necessidade existencial, investe em sua autoridade narrativa e constrói espaços momentâneos de socialização visando à elaboração de experiências. Esse processo pode ser consciente ou não. No contexto de pesquisa do qual nos ocupamos, esses espaços são necessariamente caracterizados por uma marginalidade que se forma como contraponto à insuficiência de políticas públicas concernentes aos camponeses. Esta é a insuficiência que foi pertinentemente denunciada por Antonio Candido (2010).

Mas não é qualquer pessoa que consegue tornar-se narrador. Uma autoridade narrativa é respeitada, acima de tudo, por seu talento para narrar. Esse talento pode ser verificado, de forma pontual, na *performance* imediata do narrador, na maneira com a qual ele cativa a atenção e o respeito dos interlocutores; na condução da narração, na escolha do momento certo para narrar e de quais narrativas contar. Esses aspectos podem ser estudados na versão escrita das sessões de narração de diversos narradores, que foram analisadas como macro-unidades de significação, às quais denominei *serão*.

Além do *serão*, outra manifestação da autoridade narrativa estudada por mim foi a formação e manutenção das redes *discretas* de narração. A denominação *discreta* (CERTEAU, 1994, p. 22) vem do caráter marginal dessas redes: elas não têm uma centralização geográfica e se constitui de práticas que estão alheias a qualquer controle institucional. Assim, na análise das sessões de narração, pude reconstituir redes associando as referências a narradores de prestígio indicados durante as entrevistas.

4 O primeiro narrador: André Emboava

Meu percurso de entrevistas começou com André Emboava¹⁰, um célebre narrador do bairro Boa Vista. Nossos encontros foram muito produtivos e deram lugar a um enorme material de análise. No intervalo de três meses, eu o entrevistei três vezes e, para minha pesquisa, decidi analisar o último encontro com André.

Na narração de André encontramos a predominância da estória oral¹¹ e do discurso em primeira pessoa, mas também podemos encontrar o caso em terceira pessoa, o provérbio¹² e a fábula¹³. Apesar de uma forte presença de um imaginário fantástico, a maior parte de suas histórias são estruturadas e conduzidas em uma temporalidade biográfica e narradas como se fossem verdadeiras experiências vividas pelo narrador. O período de sua vida mais narrado é o de sua juventude, em um intuito que sugere a organização da experiência individual. Vários tipos de histórias e observações sobre os animais são estimuladas por André, e a busca de novos significados de palavras por meio do jogo efabulativo são elementos recorrentes em sua narração.

E quando chegou aos dez anos, e vendo, eu comecei a trançar couro. A trançar couro, cortar couro. [...] Trançar couro, foi indo, foi indo. Quando chegou de vinte e três anos, comecei lidar com taquara. Fazer balaio. Eu fiz até balainho pequeno, que cabe aqui na ponta do dedo. E fazia o balaião! (BORGES, 2014, p. 152)

Para André, a importância de se abrir o espaço para um conhecimento coletivo é fundamental. Desde que os circunstâncias adentram o espaço no qual algo será narrado, André inicia imediatamente a conversa já apresentando várias narrativas encadeadas umas às outras. Ao mesmo tempo, as memórias dos outros também vão sendo despertadas e outras vozes são adicionadas.

5 O serão

¹⁰ Emboava não é o verdadeiro nome deste narrador, mas um apelido herdado de seu pai, de origem portuguesa. O sentido do nome vem do nome dado pelos indígenas de tronco tupi aos portugueses em geral, durante o período colonial.

¹¹ Narrativa biográfica em primeira pessoa sem uma estrutura determinada (BENTES, 2001, p. 79).

¹² (SPERBER 2009, p. 239).

¹³ (JOLLES, 1976, p. 130).

A partir da entrevista de André, pude observar como o narrador ordena as narrativas e aproveita-se do direcionamento da conversa e da ocasião do encontro para envolver seu interlocutor nos conhecimentos mobilizados pelas estórias. Considerei a entrevista em sua totalidade como uma estrutura temporal que organiza sequências de relatos, casos, causos, fábulas e estória oral, e propus-me a analisar as particularidades dessa estrutura de significação, o *serão*¹⁴.

Essa delimitação ajudou na análise da entrevista com outros narradores e a avaliar a manifestação de suas autoridades narrativas. Isso porque a organização das narrativas não é aleatória, e leva a considerar o significado das narrativas em conjunto, guiadas por uma intenção hermenêutica. A coerência do *serão* confunde-se com a autoridade do narrador.

Para notar esse nível de coerência é produtivo prestar a atenção à habilidade do narrador em organizar das narrativas e interromper o debate na ocasião propícia. Segundo Ricoeur, “o poder de interromper o debate não é outro senão o poder de conduzi-lo e esse controle sobre a sequência é o que pretendemos com nossa habilidade de prestar atenção nele e determinar um resultado” (RICOEUR, 2009, p. 149). Ricoeur refere-se a uma pretensão de todos em controlar a sequência do debate, porém, nem todos têm o poder de conduzi-lo e de interrompê-lo, sendo que aqueles que o tem, causam certa admiração sobre os outros. Essa seria uma habilidade específica dos narradores: sua maneira de aproveitar a ocasião, tecendo um grande texto que constitui um nível superior de significação, com a coerência própria de sua autoridade.

Para o objetivo de meu trabalho, o resultado foi que pude considerar, na transcrição escrita, a marca direta da *performance* do narrador e da autoridade narrativa que organizou a sequência narrativa em questão. A partir disso, pude estudar e comentar por escrito as particularidades formais da narração como um todo.

Optei por manter a transcrição integral das conversas, como longos textos corridos. Nomeei cada narrativa segundo o tema, para que eu pudesse me orientar, e organizei o texto geral em grandes movimentos de acordo com a mudança temática dos grupamentos narrativos. Após isso, procedi ao comentário textual, ao longo do texto, de modo a definir, no próprio texto, expressões, idiomatismos, referências semânticas e contextuais e fiz uma análise da recorrência dos significados em toda a estrutura de narrativas.

¹⁴ A sugestão desta denominação foi feita por André, quando eu o questionei sobre a organização da sessão de narração.

A partir da análise das entrevistas de André e de outros narradores, pude verificar a estrutura não linear do *serão* como sendo devido a dois fatores principais: a) o respeito à socialização, que divide a fala em turnos, em respeito à fala dos circunstantes; e b) o ritmo da memória do narrador em relação ao momento presente.

O respeito ao momento de socialização é uma variável que gera uma diferenciação no perfil da autoridade encarnada pelo contador. Sua maestria pode ser avaliada na capacidade de promover e organizar a socialização, e cada narrador apresenta seu estilo. André Emboava, por exemplo, era sempre muito saudoso dos “velhos tempos”. Mas o que pode aparentemente soar melancólico (como a saudade cantada nas músicas caipiras), em André é apenas o pretexto para a narração de feitos de bravura e esperteza, bem como de histórias de cunho maravilhoso.

7 Autoridade marginalizada

Após a análise do *serão* de vários narradores, e das relações que esses mantêm uns com os outros, uma forte característica que pude constatar foi um certo estado de marginalização narrativa, no qual o narrador, em geral, não tem um espaço socialmente aceito no qual possa narrar. Nos casos analisados, o que varia é apenas o grau dessa marginalização. Abaixo três situações:

- 1) Um narrador pode ter uma comunidade de ouvintes em seu bairro, mas as pessoas da cidade não têm conhecimento ou simplesmente não valorizam a narração e as práticas que se sustentam pela narração, como a Folia de Reis¹⁵ e a *Congada*¹⁶. Essas festas podem acontecer sem que os habitantes da cidade dela tenham o mínimo conhecimento. Podem ocorrer mesmo casos de desprezo pelas festas caipiras, consideradas por alguns como signo de pobreza ou atraso social.
- 2) Em outra situação, o narrador pode restringir seu espaço de narração ao círculo familiar e às redes de narração e aproveitar as ocasiões em que encontra os amigos e conhecidos para poder

¹⁵ Festa popular brasileira de caráter católico e popular. Esta festa é realizada entre Natal e Epifania (6 de janeiro) e consiste na encenação de grupos organizados nas ruas, encarregados de visitar casas, de tocar instrumentos e de cantar em homenagem a Jesus Cristo (CASCUDO, 1972, p. 402).

¹⁶ Festa popular brasileira que se compõe de elementos religiosos africanos (principalmente do Congo e de Angola) misturados a elementos cristãos de Portugal. Esta festa se passa na forma de um desfile de danças e tambores (Brandão, 1985).

narrar (como ocorre com o supracitado André Emboava). Os encontros ocorrem em casa, ou na casa de amigos.

3) Há, finalmente o caso da total marginalização do narrador, quando nem mesmo a família aceita que esse conte suas histórias. Este é o caso do senhor José¹⁷.

No caso do senhor José, aparentemente, não há uma comunidade definida, favorável à narração, e nem mesmo os familiares respaldam a narração, pois se converteram a uma religião pentecostal e não veem com bons olhos as narrativas sobre seres sobrenaturais contadas por seu José. Esse narrador não nos contou sobre as redes de narradores das quais participa para preservar os outros narradores que conhece, e que se encontram em situações similares.

Nossos encontros foram feitos em segredo na casa de um conhecido em comum. Ficávamos só os três, dentro de uma casa. Mesmo assim, enquanto narrava, o senhor José olhava com apreensão pelo vão da janela para ver se havia alguém que pudesse desconfiar do que ele pudesse estar fazendo lá. Além disso, o narrador nos proibiu de divulgar seu nome real.

Essa situação não é nem um pouco positiva, mas também não significa necessariamente um desaparecimento da memória e nem da autoridade (por contraditório que pareça). Temos aqui o ápice da autoridade marginalizada, e a narração é garantida exclusivamente pela pulsão de ficção. Na falta de uma comunidade definida e coesa, o narrador estabelece redes dispersas de narração, que se comunicam quase secretamente no cotidiano: encontros de conhecidos em praças, no supermercado, no posto de saúde, na rua.

A narração do senhor José constitui uma maneira de fazer particular, que traça trilhas indeterminadas, espaços próprios aparentemente desprovidos de sentido para aqueles que o circundam. Isso porque esses espaços não são coerentes com o lugar onde o narrador vive e movimenta-se: a família e a igreja.

Esse é o exemplo extremo de uma situação que é relativamente comum entre os narradores da região pesquisada. Os narradores diferenciam-se por um narrar que escapa à dominação de uma economia sociocultural, à organização de uma razão, à escolarização obrigatória, ao poder de uma elite e, enfim, ao controle da consciência esclarecida¹⁸.

¹⁷ José - nome fictício.

¹⁸ Certeau (1994, p. 65) identifica a consciência esclarecida à máquina escriturística, afim à lógica do cadastro.

A marginalização das culturas de traços caipiras tem sua origem em um modelo social instituído em territórios controlados por relações de poder. É dentro desses territórios que se abrem os espaços de narração. Na região estudada, o homem pobre do campo sempre teve seus direitos explorados, tendo que depender do lugar controlado por um fazendeiro e teve que encontrar meios de formar seus próprios espaços simbólicos, como forma de resistência. Ao contador, sempre foi necessário o *golpe de vista*¹⁹ para aproveitar as brechas em que o aparato institucional não o vigiava. Cada encontro, no trabalho, na cidade ou na roça, no ponto de ônibus, no consultório médico, na porta da igreja, no banco, etc., pode ser tanto uma oportunidade para que se conte uma ou duas histórias. Algo dessa maneira de narrar faz-se presente nas narrações orais implicadas em minha pesquisa, com a diferença de que o lugar controlado estendeu-se da fazenda às instituições sociais em geral, que formam as cidades.

Considerações finais

As redes de narração quanto os *serões* têm dois aspectos fortes em comum: misturam os mais tradicionais dos traços caipiras a aspectos modernos e urbanos; e são a expressão da autoridade narrativa dos narradores.

Para chegar-se a esses aspectos, tivemos que levar em consideração a forte associação entre a conformação social mais abrangente, das cidades, e a constituição do que seja um contador de histórias. No interior de São Paulo, só se pode assumir a possibilidade de existência desse papel hoje se o enquadrarmos na perspectiva de uma conjuntura social difusa e dispersa das sociedades contemporâneas.

É possível afirmar que o contador de histórias como uma presença permanente e legitimada, segundo Candido descreveu, não existe mais nas áreas pesquisadas. O que há é uma motivação, na maioria dos casos, ocasional e temporária, da parte de alguns, em exercer a função de contador de histórias. Mas essa motivação, vinda da pulsão ficcional, estrutura atos de narração que agem *pari*

¹⁹ Com a expressão “golpe de vista” referimo-nos à expressão de Certeau (1994), que denomina a habilidade em aproveitar o melhor momento para fazer algo não previsto em uma situação, e afirmar um espaço artístico ou uma prática. Em nosso caso, corresponde à arte de narrar um *causo* em situações quotidianas aparentemente banais nas quais o narrador aproveita os intervalos de tempo entre uma atividade e outra para narrar uma história.

passu aos aparatos de poder, e podem constituir momentos de liberdade e de resistência a processos de massificação.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 2005.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história e da cultura. (Obras escolhidas). São Paulo: Brasiliense, v.1, 1994.
- BENTES, Anna Christina. **A arte de narrar**: da constituição das estórias e dos saberes dos narradores da Amazônia paraense. 2001, 313f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. São Paulo.
- BORGES, Daniel Batista Lima. **Narrativas caipiras**: trilhas que se refazem. 2014, 210f. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas. São Paulo.
- _____. **Causos**: uma festa na roça. 2010, 90f. Monografia (Graduação em Letras) – Universidade de Taubaté, Taubaté. São Paulo.
- BORSOI, Diogo Fonseca. **O mundo urbano colonial**: norma e conflito em Mariana /MG (1740 a 1808). **Revista Espacialidades**, v. 4, p. 1-.24, 2011. Disponível em: <<http://cchla.ufrn.br/espacialidades/v4n3/Diogo.pdf>>. Acesso em : 07/11/2017
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A festa do santo de preto**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do folclore, 1985.
- CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. Estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Ediouro, 1972.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CORDOVA, V. S.; VITAL, J., Territorialidades caipiras: o ser e a identidade do lugar. In: **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 17, n. 41, p.80-96, 2016.

FAUSTO, Bóris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: EDUSP, IMESP, 2000.

LESSA, Simone Narciso. **São José dos Campos: o planejamento e a construção do Pólo regional do Vale do Paraíba**. 2001, 203f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas. São Paulo.

OJEDA, Vicente de Capitani. **Gestão de obras habitacionais construídas por mutirão**. 2010, 125f. Tese (Engenharia de Construção Civil e Urbana) – Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. São Paulo.

SEVCENKO, Nicolau. No princípio era o ritmo: as raízes xamânicas da narrativa. In: RIEDEL, Dirce Côrtes (Org.). **Narrativa: ficção e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

JACKSON, Luís Carlos. O Brasil dos caipiras. **Literatura e sociedade**, São Paulo, n. 12, p. 74-87, 4. dec. 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/l/article/view/25201/26987>>. Acesso em: 15 out. 2017.

JOLLES, Andrés. **Formas simples**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.

MATIAS, Fernando. **O significado da ironia no romance 'Triste fim de Policarpo Quaresma', de Lima Barreto**. 2015, 236f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279768>>. Acesso em: 15 out. 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. Loyola – São Paulo, 5. ed. 1996.

RICOEUR, Paul. **Temps et récit**. Paris: Points, 2009.

SPERBER, Suzi Frankl. **Ficção e razão: uma retomada das formas simples**. São Paulo: FAPESP, 2009.

[Recebido: 30 out. 2017 – Aceito: 26 dez. 2017]